

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

ANDRÉ LÚCIO BENTO

MÍDIAS, RACISMO E EDUCAÇÃO

JUIZ DE FORA
2018

ANDRÉ LÚCIO BENTO

MÍDIAS, RACISMO E EDUCAÇÃO

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Mídias na Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientadora: Professora Mestra Marina Furtado Terra

JUIZ DE FORA
2018

ANDRÉ LÚCIO BENTO

MÍDIAS, RACISMO E EDUCAÇÃO

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Mídias na Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Professora. Ma. Marina Furtado Terra
orientadora

Professor Dr. Jhonatan Alves Pereira Mata
tutor

Membro da banca

Introdução

Sou professor de Língua Portuguesa na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal há 25 anos. Durante minha trajetória profissional, já atuei em todas as etapas da Educação Básica e também na Educação de Jovens e Adultos. Em meus estudos de pós-graduação, concluí os cursos de doutorado e mestrado em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), instituição pela qual me especializei em Leitura, Análise e Produção de Textos e me graduou em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas. Mais recentemente, concluí especialização em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Universidade Federal de Goiás (UFG), com pesquisa intitulada “Escravidão e alforria de crianças na Cidade de Goiás (1755-1845)”. Sou coeditor da revista *Discursos Contemporâneos em Estudo*, uma iniciativa do Centro de Pesquisas em Análise de Discurso Crítica (CEPADIC), sob a chancela do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL). Sou tutor dos livros *Leitura e Produção de Texto* (2013) e *Escrita e Reflexão Gramatical* (2013); e coorganizador do livro *Discurso, Identidade e Gênero* (2015) e do livro *Discursos nas Práticas Sociais: perspectivas em Análise de Discurso Crítica e em Gramática Sistêmico-Funcional* (2010).

Meu interesse pelos estudos das mídias em educação é bem anterior ao curso de Especialização em Mídias na Educação, organizado pela Universidade Federal de Juiz de Fora. No ano de 2012, iniciei o curso de Especialização em Mídias Integradas em Educação, na Universidade de Brasília, mas a oferta dessa formação foi interrompida pela UnB ao final do primeiro módulo. Desde então, procurei sempre estar atento às mudanças tecnológicas da contemporaneidade, especialmente como forma de entender como os estudantes, bem mais jovens, relacionam-se com as mídias atuais. Além disso, atualmente estou lotado no Centro de Formação de Professores do Distrito Federal e, na condição de formador de formadores, trabalho também na educação a distância, o que exige de mim algum conhecimento sobre como as tecnologias impactam as práticas pedagógicas na atualidade.

Como formador de professores, atuo especialmente nas áreas de currículo, organização do trabalho pedagógico, multiletramentos e educação para as relações

étnico-raciais. Assim, para o trabalho de conclusão de curso na Especialização em Mídias na Educação, escolhi a temática do racismo nas mídias sociais para a produção do site e de dois recursos (vídeo e reportagem). Essa escolha se deu em razão do fato de que é recorrente o uso de recursos audiovisuais na minha atuação como formador. Embora a Lei 10639, que inclui, no currículo oficial, a temática da "História e Cultura Afro-Brasileira", seja de 2003, ainda são escassos os materiais pedagógicos disponíveis para o debate em torno das questões propostas pela Lei. Além disso, reflexões por escritos ainda são importantes no processo de formação continuada de professores, o que me motivou a escolher também a produção de uma reportagem.

Resultados

O processo de elaboração do *site*, do vídeo e da reportagem foi possível em razão de uma série de fatores, o que envolveu o uso de diversos recursos e mídias também.

a) Pré-produção:

Para a pré-produção do vídeo sobre os memes como expressão do racismo e do preconceito nas mídias sociais, captei imagens na cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente onde hoje está construído o Museu do Futuro, na Praça Mauá. Além disso, gravei imagens na antiga Zona Portuária, hoje revitalizada. Na Zona Portuária, gravei e fotografei os vestígios do Cais do Valongo, principal ancoradouro por onde chegaram os negros escravizados vindos da África. Esses vestígios desse cais foram encontrados muito recentemente, durante as obras para a realização das Olimpíadas do Rio de Janeiro. Na vinheta de abertura do vídeo produzido, utilizei imagens do sítio arqueológico do dos Cais do Valongo, como forma de resgatar parte dos registros do sistema escravista brasileiro, que durou quase quatro séculos:

Figura 1 – Foto da placa de identificação do Cais do Valongo, Rio de Janeiro



Fonte: acervo pessoal do cursista.

Figura 2 – Foto dos vestígios do Cais do Valongo, Rio de Janeiro



Fonte: acervo pessoal do cursista.

Para captação de imagens, mesclai os planos mais abertos com os planos mais fechados, conforme proposta de David Griffith: planos mais abertos para localizar geograficamente o Museu do Futuro e, conseqüentemente, a cidade do Rio de Janeiro; e planos mais fechados para mostrar detalhes dos vestígios do Cais do Valongo. Ainda no processo de pré-produção do vídeo, foi necessário realizar um breve estudo sobre os memes. Isso me permitiu aprender que a palavra “meme” vem

do grego “mimeme” e se refere a tudo aquilo que possa ser replicado e reproduzido. Aprendi que os primeiros usos da palavra “meme” se deram no campo da Biologia, quando o biólogo e escritor britânico, Richard Dawkins, utilizou o termo “meme” para se referir à capacidade que os genes têm de se replicarem e se reproduzirem. Desse modo, ao trazer informações sobre a origem da palavra “meme” no vídeo, fiz uso de imagens de Richard Dawkins e de outras imagens com uso liberado para construir uma pequena trajetória de sentidos sobre os memes até a composição de que hoje é amplamente veiculada nas mídias sociais. A pré-produção do vídeo ainda contou com uma breve pesquisa sobre canções que pudessem servir como trilha de fundo das vinhetas de abertura e de encerramento. Para a vinheta de abertura, a música escolhida foi “Identidade”, composta por Jorge Aragão e interpretada por Elza Soares; para o encerramento do vídeo, a música de fundo escolhida foi Boa Esperança, composta e interpretada por Emicida. Ambas as canções tratam de temáticas relacionadas ao preconceito sofrido pela população negra. Em resumo, o vídeo produzido mescla uma apresentação feita por mim, narração em off, fotografias, litogravuras de Debret e Rugendas, desenhos e memes. O programa utilizado para a edição do vídeo foi o Movie Maker.

O processo de pré-produção da reportagem envolveu contato prévio com a professora dra. Francisca Cordelia de Oliveira, docente da Universidade de Brasília, e com Renato Cavalcante da Silva, do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT). Esse contato com o MPDFT se deu em razão do fato de que o MPDFT, por meio do Núcleo de Enfrentamento à Discriminação, propõe, anualmente, edições do curso “Conscientização sobre Racismo e Preconceito Racial”, cujo objetivo é promover uma reflexão com pessoas que se envolvem em crimes de racismo e de injúria racial. A professora Francisca Cordelia é uma das formadoras desse curso e, por isso, o contato com ela foi para obter informações sobre os motivos que levam as pessoas a expressarem ou praticarem preconceito nas mídias sociais. O contato com o senhor Renato Cavalcante, do MPDFT, teve a intenção de saber sobre os propósitos do curso ofertado por essa instituição, seus objetivos, alcances, etc.

Além disso, na fase de pré-produção da reportagem, foi necessária a realização de uma breve pesquisa sobre o processo de escravidão de negros no Brasil, o que revelou que 74% do nosso tempo como nação brasileira foram ancorados no sistema escravista. Ou seja, são 388 anos de escravidão e 130 anos de pós-abolição. Além disso, o Brasil foi o último país a abolir a escravidão. Como ilustração desse fato, eu

elaborei a seguinte figura, para compor a reportagem, com base em um desenho do mapa americano disponível na internet:

Figura 3 – Ilustração da abolição tardia no Brasil



Fonte: Internet¹, com adaptações.

Quanto ao site, que hospedou a reportagem e o vídeo produzidos como parte dos trabalhos finais do curso de Especialização em Mídias na Educação, além de outras atividades já desenvolvidas durante o curso em relação à temática escolhida, houve um processo de reestruturação. Um novo site foi produzido, agora com uso da plataforma Wix, por considerá-la menos limitada do que o Google Sites, anteriormente utilizada. O site seguiu as orientações propostas para sua composição: página de introdução, identificação do autor, uso de imagens e vídeos. Criei, também, uma página intitulada “Sugestões pedagógicas”, para alimentá-las com propostas didáticas em torno da temática. O endereço do site é <https://andreluciobento.wixsite.com/racismoemidias>.

¹ Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9rica#/media/File:Americas_\(orthographic_projection\).svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9rica#/media/File:Americas_(orthographic_projection).svg). Acesso em 18 de junho de 2018.

b) Produção

A produção do vídeo foi a mais trabalhosa, na minha opinião. O vídeo, como recurso audiovisual, mobiliza questões de escrita (na produção do roteiro e de legendas de informação), de áudio (com atenção para uma qualidade mínima, uma vez que não trabalhei com recursos profissionais de captação de som), de tempo (para que o recurso não ficasse muito longo, mas, ao mesmo tempo, conseguisse expressar uma mensagem completa), de edição (o trabalho de corte e sincronização entre imagem e som), entre outros. Nesse processo, houve a mistura de imagens reais captadas por mim captadas no Rio de Janeiro (Praça Mauá, Museu do Futuro e vestígios do Cais do Valongo) com litogravuras de Debret, do livro *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1834)* e de litogravuras de Rugendas, do livro *Viagem pitoresca ao Brasil (1845)*. Além disso, foi necessário pesquisar imagens de livre acesso na internet para ilustrar o conceito de meme e de suas aplicações na contemporaneidade e para associá-los ao debate a expressão do preconceito nas mídias sociais.

As imagens usadas na elaboração do vídeo foram tratadas com os recursos e os efeitos disponíveis no Movie Maker. Para editar os áudios das narrações em *off*, foram usados os recursos da plataforma *on-line* Audio Trimmer. As narrativas em *off* foram captadas no mesmo lugar onde gravei minha participação para o vídeo, para que o som, em ambiente externo, mantivesse a mesma qualidade e, conseqüentemente, os mesmos ruídos de um ambiente a céu aberto.

No processo de produção da reportagem, resolvi fazer um breve resgate histórico do processo de escravidão no Brasil e das causas científicas, religiosas e culturais do racismo. Entretanto, procurei não dar ao texto um viés muito teórico, uma vez que a reportagem é um gênero textual de interesse geral, e não estritamente científico e acadêmico. Por isso, inseri, por exemplo, uma imagem do filme *Jango Livre* (2012), dirigido por Quentin Tarantino, para ilustrar a tese dos que defendiam o chamado racismo científico. Também procurei ilustrar, com fotos, os personagens citados na reportagem, como ocorreu no caso de André Rebouças, cuja constitui um link que remete o leitor para uma entrevista com o historiador Luiz Felipe de Alencastro, no site da BBC Brasil. Para dar à reportagem uma condição hipertextual, outros links foram criados, remetendo o leitor para os seguintes ambientes virtuais: a) *Racismo: uma história*, documentário produzido pela BBC; site do movimento

Geledes, instituto da mulher negra; e áudio com a professora Francisca Cordelia, da UnB, que disponibilizei na plataforma SoundCloud. Por entender que um recurso audiovisual se caracteriza por envolver diversas linguagens e semioses, decidi fazer uso das músicas Identidade, de Jorge Aragão, e Boa Esperança, de Emicida, como parte da construção de sentidos que remetem o telespectador para o que foi e que é o enfrentamento da discriminação racial no Brasil.

O site, em que foram disponibilizados o vídeo e a reportagem produzidos como produtos finais de conclusão do curso, também buscou ser um ambiente multimodal, com textos escritos, imagens, ilustrações históricas, fotos, entre outros recursos.

Figura 4 – Página inicial do site Racismo e Mídias Sociais



Fonte: <https://andreluciobento.wixsite.com/racismoemidias>

A escolha da plataforma Wix como base para a produção do site possibilitou mais recursos e interativas com outras mídias e plataformas também, situação que, no meu ponto de vista, era mais limitada quando utilizei o Google Sites. A plataforma Wix, mesmo em sua versão gratuita, a que foi por mim usada, caracteriza-se por ser um pouco mais aberta a conexões com outros sites, blogs, streamings, entre outros.

c) Pós-produção

A avaliação que faço dos produtos elaborados compreende fragilidades e possibilidades. Como aspecto positivo, aponto para o fato de que considero que foi possível criar mensagens de interação fazendo uso de diversas mídias e linguagens, o que é essencial para a interação e comunicação na atualidade. No caso específico do site, penso que desenvolvi um produto que será um ambiente permanente para a minha prática pedagógica na Secretaria de Educação do Distrito Federal. Com tempo, poderei aprimorá-lo para que ele se torne cada vez mais interativo e capaz de ser um espaço de discussões importantes e atrativas sobre as temáticas nele discutidas.

Sobre a reportagem, considero que o desafio foi testar uma outra escrita, mais jornalística e menos acadêmica. Fazer isso foi um exercício importante, pois nem sempre o viés científico é capaz de promover uma interação com os estudantes, por exemplo. Isso significa que as práticas pedagógicas requerem algum dinamismo em termos do que escrevemos, e a reportagem me possibilitou testar uma outra possibilidade de escrita. Quanto ao vídeo, o que considerei mais positivo foi conseguir englobar várias mídias e linguagens em um único produto.

Quanto aos aspectos negativos, posso destacar que ainda tenho algumas limitações quanto ao uso de editores de vídeos e de áudio com mais recursos e ferramentas. Desse modo, reconheço que a produção de mídias requer um constante aprendizado sobre os usos cada vez mais sofisticados, simples e gratuitos de diversos programas e aplicativos capazes de gerar muitos efeitos de sentidos naquilo que produzimos.

Considerações finais

Considero o meu percurso no curso muito produtivo. Desde o início de mais essa formação, pude aprender bastante sobre as noções de educação a distância e sua relevância no mundo atual. Também foram muito proveitosas as discussões iniciais sobre teorias da educação, associadas ao desafio inicial e prático de elaborarmos nosso primeiro site. Outra questão relevante a que tivemos acesso nas

primeiras disciplinas do curso disseram respeito às teorias das aprendizagens, com atenção especial às abordagens tradicional, comportamentalista, humanista, cognitivista e sociocultural. Nesse sentido, foi interessante discutir que trabalho com mídias e tecnologias, embora com um aspecto de modernidade, pode ser de caráter altamente tradicional, o que nos exige um cuidado pedagógico com isso.

Quando entramos nos estudos sobre o hipertexto, percebemos que sua definição teórica é bastante ampla. Contudo, as ideias de ligação, de intertextualidade, de não sequencialidade e de cadeia ininterrupta parecem ser noções centrais para a conceituação de hipertexto. Além disso, a ideia de que o hipertexto redimensiona a função do texto, eliminando fronteiras tão demarcadas, também é um aspecto que colabora na caracterização hipertextual. Também foram muito relevantes os debates sobre a relação entre hipertextualidade e multimídia (FIDLER, 1997), questões bastante entrelaçadas. Sobre as diversas mídias estudadas, gostaria de destacar o trabalho com fotografias. Eu, de fato, nunca tinha percebido a importância da fotografia na atualidade, talvez pela facilidade com que produzimos e compartilhamos fotos no dia a dia. Assim, foi enriquecedor aprender sobre a composição como uma espécie de tentativa de guiar o olhar de quem vê a foto e também aprender sobre regras básicas de composição, enquadramentos e simetrias, linhas e sombras.

Processo semelhante ao das fotografias ocorreu em relação à linguagem cinematográfica, quando aprendemos o papel e os significados dos planos na construção dos sentidos de uma gravação em movimento, sendo o próprio movimento uma espécie de linguagem e um recurso capaz de interferir na mensagem que se busca construir com a câmera. Desse modo, foi muito proveitoso estudar as primeiras propostas de David Griffith sobre planos e movimentos para, em seguida, elaboramos um pequeno vídeo contando uma história apenas com os planos da linguagem cinematográfica. A aprendizagem do que vimos sobre fotografias e linguagem cinematográfica foi essencial para a produção dos recursos que escolhi para o trabalho de conclusão de curso. Sem esse conhecimento, além das questões de hipertextualidade, eu teria elaborado recursos bem mais limitados.

Além do trabalho com fotografias e cinema, na minha formação, foi de extrema relevância ter aprendido e discutido questões acerca do processo de gamificação da educação, o que coloca no centro da aprendizagem e do ensino a problematização, o feedback, o progresso do estudante no seu ritmo próprio, os múltiplos caminhos para

se chegar a uma resposta, etc. Além disso, na perspectiva dos jogos, não temos a ideia de fracasso, mas, sim, de desafio.

O que fica dessa experiência como especialista em Mídias na Educação pela UFJF é certeza de que aprendi coisas para a vida inteira. Para a minha vida pessoal, quando passo a olhar as mídias de uma outra forma no cotidiano, e, na minha vida profissional, quando percebo que as diversas mídias e tecnologias podem ser devolver aos estudantes o desafio e o protagonismo que o ensino tradicional em muitos momentos deixou de promover.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Pequena história da fotografia. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Volume II. São Paulo: EDUSP, 1978.

FIDLER, Roger. *Mediamorfosis*. Buenos Aires: Ediciones Granica, 1997.

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática*. 3a ed, Rio de Janeiro: Editora 34, 1996, p.25.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MATTAR, João. *Games em educação: como os nativos digitais aprendem*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

PRENSKY, Marc. *Aprendizagem Baseada em Jogos Digitais*. São Paulo: SENAC, 2012.

RUGENDAS, Johann Moritz. *Viagem pitoresca através do Brasil*. São Paulo: Círculo do Livro. s.d.